SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXXI

JANEIRO/FEVEREIRO DE 1975

N.º 357

Avulso Esc. 5$00

Produção "DALMATA" – Lisboa • REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 – LISBOA - 3 – Telef.: 636607



NO 30º ANIVERSÁRIO

"SEMPRE PRONTO" PROSSEGUE A SUA ROTA

Durante muito tempo foi dito e redito que na célebre viagem de Vasco da Gama em busca do caminho marítimo até à Índia, as tripulações, ao passarem o Cabo das Tormentas, teriam sido vencidas pelo pavor e obrigado o famoso navegador a um golpe de força, lançando ao mar as cartas de navegação para constranger a marinhagem a prosseguir viagem até ao grande alvo da ousada proeza. Foi o sábio almirante Gago Coutinho, tenaz estudioso das rotas das descobertas, quem desmitificou esta lenda, provando que "nem tal se passou, nem havia motivo para isso". De qualquer forma, porém, a lenda é quase sempre o exagero da realidade. É o caso da *Lenda das Rosas* que serve para nos revelar a generosidade da Rainha Isabel e a avareza de seu real esposo.

A tripulação das gloriosas naus não se terá apavorado nem negado a navegar, mas certamente a coragem e tenacidade de Vasco da Gama foi bastante para impulsionar os bravos marinheiros na escalada até à Índia.

Guardadas as devidas e profundas distâncias, há certo paralelismo entre aquela lenda e a viagem de "Sempre Pronto" através dos trinta anos de publicação. Também nós dobrámos o nosso Cabo das Tormentas quando no último Abril se agravou subitamente o custo da impressão do jornal. Pareceu-nos impossível vencer tão grande tormenta. Para nós a viagem estava perdida. Quando marcámos o fim de 1974 para tomar uma última resolução, estávamos sinceramente convencidos de que a *rota* de "Sempre Pronto" terminaria aí mesmo. Aqui não houve qualquer optimismo dos timoneiros desta obra. Estávamos prontos a lançar ao mar as cartas de marear simplesmente para não continuar a viagem. Foram afinal os nossos dedicados assinantes e bons amigos, arvorados em esforçada e corajosa tripulação, quem impôs o prosseguimento. Ao encetar um novo ano de publicação, a nossa conjuntura financeira não é pior nem melhor do que em igual momento do ano passado. Foram os nossos amigos quem nos proporcionou os meios de subsistir, foram os nossos assinantes quem generosamente aceitou os novos preços de assinatura, e é para nós um orgulho poder afirmar que "Sempre Pronto" se publica por vontade expressa dos seus leitores. É exactamente esta circunstância que confere, mesmo a um pequeno jornal, o direito de se considerar órgão de imprensa. Acresce ainda que foi neste ano que pudemos publicar maior número de páginas e maiores tiragens. Tudo isto se ficou a dever ao interesse e colaboração que encontrámos em grande número de amigos, todos gentilmente trabalhando nesta causa.

Outro grande motivo de orgulho para nós é que, ao longo destes trinta anos, "Sempre Pronto" manteve sempre a mesma orientação, apesar dos tempos difíceis por que atravessou. Nunca tivemos necessidade de nos adaptarmos a novas situações, já que a linha integralmente escoteira que traçámos não serve outros interesses que não sejam a educação da juventude através do Escotismo.

Subsistem, no entanto, dificuldades. A Redacção luta com falta de colaboração e quase todo o serviço cai sobre os ombros daqueles que há trinta anos meteram mãos à obra. Que os nossos amigos nos relevem o desânimo, mas sentimo-nos fatigados e reconhecemos não só a necessidade mas também a conveniência de haver uma remodelação de quadros. Ao expressarmos o nosso profundo reconhecimento a todos que nos ajudaram a manter acesa esta chama, este paladino do Escotismo, queremos também fazer apelo à juventude escoteira para que se apresente nesta barricada para lutar e servir, rendendo assim aqueles que ganharam já direito a *passar à reserva.*



HORA DE RESPONSABILIDADE

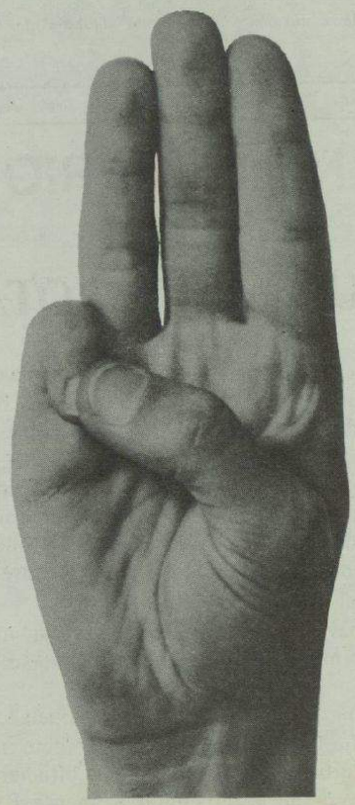
Os votos da Vida Nova são lugar comum no início de cada ano e promessa sempre repetida sem qualquer intenção de a cumprir. Não pode ser assim em Portugal neste começo de 1975. Estamos realmente a entrar num período de vida nova, melhor ou pior consoante a nossa determinação de cumprir os deveres de cidadão, de homem e de escoteiro. Seja qual for o prisma por que observemos o actual momento político, forçoso é reconhecer que estamos vivendo uma época extraordinariamente importante para a nossa pátria, não sendo ousado afirmar que nenhum outro momento da vida nacional se revestiu ainda de tão alto interesse. Este é o mais relevante marco da nossa história como nação, porque Portugal será no porvir aquilo que nós próprios aqui e agora construirmos. Por isso mesmo é imperioso que empenhemos todas as nossas faculdades e participemos activamente nos esforços que estão sendo feitos para abrir um novo caminho para uma comunidade mais feliz.

Também para o Escotismo Português este momento é realmente grave. Abrem-se à nossa frente perspectivas francamente favoráveis a uma actividade livre e profícua. No entanto, a relevância desta oportunidade não resulta, como pode parecer, desta circunstância, mas antes da capacidade do Escotismo para dar satisfação a uma das mais prementes necessidades da vida nacional. O Movimento das Forças Armadas deliberou inteligente e avisadamente instituir a democracia em Portugal e, para isso, se vai elaborar uma nova constituição que transformará as instituições políticas. O problema, porém, é bem mais profundo. A democracia não se improvisa nem se institucionaliza de cima para baixo. Depois de tantos anos de destruição sistemática de todas as estruturas democráticas, o povo encontra-se viciado por métodos de violência, pelo hábito do puro arbítrio. Quebraram-se, é certo, as algemas, mas subsistem os traumatismos causados por repetidas agressões à nossa integridade mental e por preversões a que os nossos caracteres estiveram sujeitos. Os factos aí estão bem à vista: gente que se ufana de suas ideologias faz uso de métodos reaccionários; manifesta agressiva intolerância; violenta todos os que não comunguem de seus pontos de vista; não respeita a liberdade e dignidade humanas.

Continua na página 11

VALOR CÍVICO E SOCIAL DO MÉTODO ESCOTISTA

Não há Escotismo
sem a aplicação dos dois "sistemas"
adiante sucintamente referidos.



I – SISTEMA DE PATRULHAS

Patrulhas são os pequenos agregados de carácter permanente, constituídos por 6 a 8 escoteiros, *dirigidos por um deles por eles próprios escolhido,* aproveitando a tendência natural de agremiação.

A cada membro da patrulha cabe um papel específico na actuação do conjunto; *a cada um é dada uma tarefa pela qual é responsável,* para que se sinta e torne parte efectiva no sucesso do conjunto.

Na patrulha, os escoteiros discutem e planeiam eles próprios os modos de actuar mais eficientemente na realização das tarefas que lhes são distribuídas; assim, *aprendem e treinam-se na arte de viver em comunidade.*

Os guias das patrulhas de um mesmo Grupo de Escoteiros reúnem-se periodicamente para, sob a orientação do líder do Grupo, discutir e estabelecer o programa geral de realizações, treinando-se dessa forma para a futura intervenção democrática na vida social.

Nas actividades escotistas, o sistema de patrulhas substitui o processo generalizado das palestras, dissertações ou leituras para uma massa de ouvintes, em que o instrutor terá feito qualquer coisa, mas em que os auditores só passaram o tempo e não puderam exercitar as suas capacidades. O que interessa é que se aprenda fazendo.

II – SISTEMA DE INSÍGNIAS

Como meio de fazer adquirir pelo educando conhecimentos úteis e, ao mesmo tempo, apreender-se a realidade do seu modo de ser, inclusive quanto a tendências e a preferências, elementos a considerar na educação não dogmática, o Escotismo dispõe de conjuntos de actividades a cada uma das quais corresponde uma insígnia. Esta é pois, *um sinal de capacidade que o educando busca alcançar pelo seu próprio esforço.* Esses conjuntos são uns de natureza geral, outros de especialização, aqueles que correspondem a graus de aptidão em inúmeras actividades de utilidade comum, os de especialização definidores das tendências profissionais e recreativas.

As insígnias são alcançadas sem a limitação de se poder ser excluído por outros porventura mais dotados; *a competição no Escotismo desenvolve-se sem suplantar outrem e resulta somente do esforço próprio.* Assim é que todos os escoteiros da patrulha podem ostentar a insígnia da mais completa formação, como bem se pode dar o caso do "guia" não ser o mais avançado nem mesmo o mais velho, pois não foi nem um nem outro o escolhido pelos seus companheiros para conduzir as actividades da patrulha.

– Notas publicadas pela Direcção da A.E.P.

O NÚMERO DO "SEMPRE PRONTO" É UMA PRODUÇÃO "DALMATA"

O presente número de "Sempre Pronto", comemorativo do 30º. aniversário do início da sua publicação, deve-se à generosa colaboração da DALMATA PUBLICIDADE, Lda., especialistas no sistema gráfico *offset,* cujos serviços técnicos e artísticos se encarregaram da produção desta edição especial.

"Sempre Pronto" expressa aos sócios-gerentes da "DALMATA", os nossos amigos srs. José Eduardo Pena Ribeiro e Fernando Relvas, o seu muito agradecimento pela colaboração que permitiu este acontecimento de tanto relevo na vida do nosso jornal.

COLABORAÇÃO DE SAUDADE

Nesta caminhada de 30 anos, muitos dos nossos companheiros de trabalho tombaram em plena luta, quando muito se poderia ainda esperar do seu entusiasmo, idealismo e dedicação, Lembrá-los, neste momento, é um dever, que cumprimos com prazer na recordação da sua amizade e simpática colaboração. Inserimos, portanto, alguns trabalhos de Carlos Fernando Garcia. David M. de Barros, Faustino Leitão, Manuel Ferreira e Luís Simões Aurélio, que tanto honraram estas colunas em diversas ocasiões e nos distinguiram com a sua indefectível amizade.

A CRISE

Quase todas as tropas (*) escoteiras e mais núcleos de escotismo, desde que tenham um certo tempo de vida, já passaram pelo que se chama A CRISE.

Em síntese vamos apreciar como se apresenta este fenómeno nas tropas, papel do chefe e sua solução.

Como surge a crise: É preciso distinguir entre a crise natural e a provocada. Esta última é proveniente de causas conhecidas, o resultado de certos processos. Num grupo, se tal é possível, onde não há organização e justiça, onde os princípios de Baden-Powell são ministrados através do "funil" da incompetência do chefe e mais dirigentes, só uma crise é lícito esperar, provocada por estas más primícias, pela desídia dos dirigentes, pela falta de bons princípios da instituição. E, coroando a crise, o desaparecimento deste núcleo de pseudo-escoteiros para felicidade do movimento.

A crise natural é aquela em que o chefe ou dirigente procede de acordo com os melhores princípios do escotismo, é cuidadoso pelos escoteiros, a justiça reina em todos os seus actos. Entretanto, o grupo que tinha trinta escoteiros vê, quase de repente, seu número diminuir, num decrescimento assustador. As causas? Verdadeiramente não as há. É a crise que se apresenta.

São escoteiros que se retiram porque os seus pais resolveram que eles estudassem à noite, são escoteiros que mudam para outro bairro, não podendo continuar a frequentar as instruções, são escoteiros que atingem uma idade em que não podem continuar no grupo, são escoteiros que iniciam a sua vida e tantas outras causas, todas muito justas.

Como solucionar? Fazendo e seguindo cada vez mais os bons métodos escotistas.

O chefe do grupo de escoteiros que assim se vê visitado pela crise deve manter seu sorriso, reogarnizar seus programas, ler ou reler suas obras escoteiras, visitar algu-

mas outras tropas escoteiras para beber novos ensinamentos e verificar se caiu na "rotina" que tanto acabrunha os grupos escoteiros. E depois, com tanta e maior vontade, continuar a trabalhar com os 10 escoteiros que ficaram do grupo de 30. Com estes escoteiros, que são dos melhores, pois passaram pela rude prova da "crise", constituir um novo grupo, servindo os antigos escoteiros de monitores e auxiliares.

Recriminar-se, carpir, lamentar-se, é simplesmente contribuir para o aumento da "crise". Os poucos escoteiros que restaram estão abalados pelo facto, para eles muito importante, pois a quantidade é tudo, de verem o seu querido grupo decrescer dia a dia. Precisam de amparo e encorajamento. Se o chefe começa a "pregar sermões" em todas as instruções pela ausência dos antigos escoteiros, pelo mau estado do grupo, demonstrando o seu desânimo e a sua incompetência, só faz aumentar a "crise", contribuindo para que os últimos escoteiros se vão.

O Chefe deve encarar de frente e como natural a "crise". É uma doença das tropas escoteiras a que poucas (ainda não conhecemos nenhuma que a não tenha experimentado) podem escapar. Esperar o fim da doença ou "crise" com confiança na alta vitalidade do escotismo. Começar sempre em primeiro lugar, por fazer um severo auto-exame para ver se em algo contribuiu para a "crise".

Realizar excursões e acampamentos de grande interesse para os escoteiros restantes. Manter sua alegria e entusiasmo como se visse o seu grupo aumentar espantosamente de número, mesmo que se esteja dando precisamente o contrário. E dentro de pouco, a "crise" estará vencida com grande alegria de todos.

DAVID M. DE BARROS
Comissário Técnico da
Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra
em "Queres ser Chefe Escoteiro? "

(*)– Termo usado no Brasil em substituição de Grupos.

MENORES NAS TABERNAS UM PROBLEMA A RESOLVER

Num jornal de características do "Sempre Pronto", não fica mal tratar de um assunto de grande importância social, como o das ocupações, nos momentos de ócio, da juventude portuguesa.

Em que se ocupam os rapazes da nossa terra? Em muitas distracções, desde o estudar... até ao não fazer nada! Há os que vão para os campos de jogos, há os que vão para o cinema, há os que vão para os cafés, há os que vão para as obras de educação social, como os Escoteiros, a Mocidade Portuguesa, etc., há os que vão para o campo, há os que vão para a taberna.

É, infelizmente, verdade. Entre as ocupações, boas ou más, uma parte da mocidade da nossa terra está perdendo o tempo e o dinheiro, nas inúmeras tabernas que lobrigamos por esta Lisboa!

É que se descobriu agora um processo de chamar a esses antros, aqueles indivíduos que, por via da sua pouca idade, são mais susceptíveis de se entusiasmarem; contra toda a legislação em vigor que proíbe a permanência de menores nas tabernas e locais semelhantes.

Existem agora esses jogos de futebol espalhados por toda a cidade, em redor dos quais se juntam dezenas de jovens, gritando, praguejando, chegando a provocar conflitos graves.

E que espécie de jovens?

Temos quase a certeza que, na sua maioria esses homens de amanhã constituem hoje a massa enorme de aprendizes das mais variadas profissões. Os magros patacos que o seu trabalho merece é gasto ali, entre gritos e zangas, como se entre nós não existissem outras ocupações para esses infelizes.

É certo que há poucos dias saiu legislação impondo às tabernas o fecho às 22 horas. Não é tudo, porém. Cabe às autoridades policiais proibir, simplesmente, a entrada de menores nessas casas que deviam fechar às 19 horas, como os outros estabelecimentos comerciais, nomeadamente as farmácias que, sendo por vezes óptimos postos de socorros, mostram à população de Lisboa as suas portas encerradas depois daquela hora.

Daqui, chamamos a atenção de S. Exª o Governador Civil de Lisboa, para este caso de grande importância social, mandando aplicar todo o rigor da Lei àqueles que aceitam dinheiro da juventude, a troco de tão infeliz distracção.

Não pretendemos nestas modestas colunas, abordar a permanência, pura e simples, nas tabernas.

Ela já de si merece repressão, e esta última ordem de fecho mais cedo, veio ao encontro da opinião a todas as pessoas sensatas. Todavia, o caso não fica ainda resolvido. Das 17 às 22 horas, ainda vão 5 horas para produzir as desgraças de que todos estamos habituados a ler nos jornais, e para os quais os jovens amantes do tal futebol caminham a passos bastante apressados.

CARLOS FERNANDO GARCIA

CURIOSA HISTÓRIA DE UM PEQUENO QUADRO

Na sede da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, no Largo do Barão de Quintela, a primeira corporação do género que se fundou entre nós, há noventa e três anos, a 18 de Outubro de 1868 e que foi a precursora da nobre causa do Voluntário em Portugal, existe, ocupando lugar de honra, um pequeno quadro a óleo no qual se encontra retratado o insigne maestro Guilherme Cossoul, fundador da benemérita Associação.

O quadro atrai imediatamente o olhar curioso do visitante, porquanto o estranho cenário que rodeia a personagem e o trajo desta oferecem singular contraste.

Num telhado, emergindo duma trapeira rodeada pelas chamas, sobressai a figura de Guilherme Cossoul em irrepreensível trajo de rigor, dois botões de brilhantes refulgindo no peitilho alvo da camisa engomada e, debaixo do braço, a batuta de regente de orquestra, enquanto que, numa das mãos apontada às chamas ameaçadoras, segura uma agulheta jorrando água.

Merece a pena narrar o curioso episódio que deu origem a tão estranho quadro.

Vivia S. Carlos a época lírica de 1869. Regurgitava a magnífica sala nessa noite em que se cantava a "Africana" do compositor alemão Meyerbeer, interpretada entre outros artistas pela cantora Lotti e seu marido.

Na regência, Guilherme Cossoul, director da orquestra. Esta, prestes a atacar os primeiros compassos, eis senão quando na sala se derrama a notícia de grande incêndio num prédio de Lisboa. Ao maestro no seu posto, sobrepõe-se o ímpeto abnegado do bombeiro no cumprimento da sua sagrada missão. Ei-lo, perante a assistência atónita, abandonando a orquestra e a sala, despedindo rápido para o local do incêndio onde toma o comando dos seus bravos homens.

Cossoul, que à sublime arte dos sons aliava um incontido amor pela causa dos bombeiros, havia, em reconhecimento pela sua dedicação a tão elevado ideal, sido nomeado por El-Rei D. Luís, em Novemnro de 1967, Capitão-Chefe dos Incêndios da Freguesia dos Mártires.

Lotti, cantor, que nos lazeres do bel-canto manejava a paleta e o pincel e jamais assistira a tão imprevisto episódio que profundamente o emocionou, imortalizou-o na tela que, com a sua assinatura, a gloriosa e velha Associação guarda como veneranda relíquia bem junto de outra não menos veneranda, o Diploma firmado pelo punho de El-Rei D. Luís, da nomeação de Guilherme Cossoul, atrás citada, título de que se orgulhava bem mais do que o de Director da Orquestra do Real Teatro de S. Carlos.

À guisa de nota, diremos ainda que aos destinos desta benemérita Associação, presidiu, durante cerca de trinta anos, o nome prestigioso e querido para todos os Escoteiros do nosso saudoso companheiro Dr. Alfredo Tovar de Lemos.

LUÍS SIMÕES AURÉLIO



PRETOS DE ALMA BRANCA

Ao saber que, numa província ultramarina de África, uma criada negra salvara, com risco da própria vida, das fauces de um crocodilo, um menino branco, Zeca ficou admirado:

– Uma criada negra?

– Sim, meu pequeno. Negra de pele, mas de alma branca, era essa rapariga. E olha que entre os pretos encontram-se muitas dedicações.

– O pai certamente sabe muitas histórias de negros. Como esteve em África...

– Algumas. E ainda conheci, pessoalmente, um dos pretos de Serpa Pinto.

– Quem eram? – perguntou o pequeno.

– Eram dez, de ambos os sexos, que nunca abandonaram o grande explorador na sua aventurosa viagem pela África Austral. Diziam que Serpa Pinto era um branco bom, severo, justo e que libertava escravos que caminhavam, em levas, para a costa...

– Escravos? – estranhou o pequeno.

– Sim, escravos. Admiras-te? Ainda em 1910, se fazia, clandestinamente, escravatura em Moçambique. Azevedo Coutinho, Massano de Amorim, Dâmaso Marques, José Augusto da Cunha, Neutel de Abreu e outros tomaram parte em várias campanhas contra os negreiros. Mas, voltemos aos pretos de Serpa Pinto. Que estava eu dizendo?

– Que eles viam o explorador libertar escravos, que caminhavam, em levas, para a costa...

– Isso mesmo. Chamavam-lhe manjoro, certamente corrupção de major. Um feiticeiro negro, chamado Chacaiombe, antes de Serpa Pinto partir para a sua expedição, disse que ele era o melhor dos brancos passados, presentes e futuros e que a viagem seria muito feliz. Dos pretos, Veríssimo era o mais graduado e Serpa Pinto ensinara-o, até, a trabalhar com os aparelhos. Augusto era o melhor e o mais corajoso. A mulher dele, Marcolina, também fazia parte da expedição. Mas se tu soubesses o que os negros do sertão diziam de Serpa Pinto...

– Que diziam, meu Pai?

– Admiravam-se de o explorador não vender panos, não comprar marfim, cera, nem peles. Que homem aquele que só escrevia, só escrevia... Serpa Pinto, realmente, todos os dias preenchia o seu diário e fazia observações científicas. Qual lho trazia os instrumentos e aparelhos era outro preto, o Catraio Pequeno.

– Catraio Pequeno? Mas havia algum Catraio Grande?

– Sim, havia. Certa vez, estiveram sem comer mais de quatro dias. O explorador animava os pretos da expedição, dizendo-lhes que do lado de lá de uma montanha havia uma terra maravilhosa com muita comida. Acreditando no que lhes dizia Serpa Pinto, os pretos, trepando a serra, iam cantando: A cobra não tem braços, não tem pernas, não tem mãos e não tem pés. Como sobe ela? Porque não subiremos nós, que temos braços, temos pernas, temos mãos e temos pés? E quando chegaram ao lado de lá, encheram as barrigas...

– Realmente, a cantilena era engraçada...

– E com um grande fundo de moral, não te esqueças. Devemos vencer, alegremente, todas as dificuldades, como os pretos de Serpa Pinto. Quando ele descansava, os pretos porfiavam em o livrar do sol e quando ele esteve doente em Belmonte, Marcolina e Veríssimo nunca o abandonaram. Foi a preta quem o amparou ao levantar-se. E quando um selvagem qualquer, um tal Lobossi, régulo dos luínas, atacou a expedição, Manuel e Catraio Grande morreram a defender Serpa Pinto .

– Morreram em defesa do branco?

– Sim, Zeca. Não se pode dar maior prova de dedicação. Quase no fim da viagem, morreu a pobre Marcolina com um tifo. Ficaram sete. Um deles, Pepeca, foi à terra de Serpa Pinto, no Douro. Fez-se cristão e foi baptizado com o nome do grande explorador.

O pai calou-se. Pouco depois, terminou a história:

– Há, salvo erro, no Museu de Arte Contemporânea, um quadro representando os pretos de Serpa Pinto. E, assim te contei a história de dez pretos dedicadíssimos. Mas, felizmente, poderia contar-te muitas outras histórias do mesmo género...

MANUEL FERREIRA

FOI ASSIM MESMO

CENAS DA VIDA ESCOTISTA

Os escoteiros do Grupo nº. 7 tinham recolhido ao quartel dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, perto da Rotunda, dispostos a auxiliá-los nos socorros a prestar. Em certa altura desapareceu Manuel Ralão, o "Faísca", como era mais conhecido.

Mais tarde soube-se que se tinha dirigido para o Arsenal da Marinha...

* * *

Apesar do elevado número de vítimas, a refrega continuava. A toda a hora viam-se riscar o espaço os sulcos ligeiros das cargas que os contendores trocavam entre si. O silvo agudo, que emitiam na sua passagem, tinha o ar tétrico de mensageiro de morte. A entrecortá-lo, ouvia-se o apito estridente das sereias das ambulâncias, comp a afirmar o afã da sua tarefa triste mas generosa.

No Tejo, o velho palco de tantas e tantas cenas do teatro da nossa História, balouçava o navio-chefe da esquadra revoltosa, o "Vasco da Gama", que, de vez em quando, fazia ouvir o troar forte das suas bocas de fogo. A bordo, conduzindo as operações, encontrava-se o capitão-de-mar-e-guerra Leote do Rego.

Sob a protecção das sombras da noite, saiu este oficial do "Vasco da Gama" numa pequena lancha. Dirigia-se ao Arsenal em busca de um estafeta que chegasse notícias suas à esposa, decerto apreensiva quanto à situação.

Quando chegou, lá estava, entre a guarnição, aqui e além um e outro escoteiro ou bombeiro na faina piedosa de socorrer e confrontar os que sofriam.

O chefe da revolta, ansioso, perguntou-lhes então qual deles se oferecia para desempenhar o serviço que trouxera ali. O receio dos perigos a enfrentar, impediu que algum daqueles bravos se expusesse a tanto.

– Nenhum de vocês quer ir? – insistiu o comandante com veemência.

– Vou eu! – ouviu-se exclamar uma voz juvenil de entre aqueles homens. Era o Manuel Ralão do Grupo 7, que valorosamente se oferecia.

Daí a pouco, lá vai presto, sem hesitar, o pequeno escoteiro a casa de Leote do Rego levar a mensagem de tranquilização.

Quando todos o julgavam ainda longe, já ele estava de volta com uma carta da senhora do oficial. Quisera ela recompensar o escoteiro pelo seu valioso serviço, mas, vendo-o tão novo e tão pequeno, ofereceu-lhe só doces e outras guloseimas.

O oficial que levou a carta-resposta ao comandante, nessa altura de novo a bordo, trouxe no regresso instruções para obsequiar o estafeta. Interrogado o rapaz, este disse ter apenas cumprido o seu dever e, portanto, nada queria. O oficial, admirado ante um gesto de tanta abnegação, tornou a insistir:

– Pede o que quiseres, pois o comandante quer-te recompensar!

– Está bem, – respondeu o "Faísca". – Nesse caso peço que me dêem licença para ir ver o meu cunhado, que é grumete-artilheiro a bordo do "Vasco da Gama"...

Infelizmente aquele oficial não tinha poderes para aceder àquele desejo, que era, segundo se julga, o motivo da presença ali do escoteiro.

Inteirou-se o oficial da identidade do marinheiro e voltou a bordo a informar o comandante do desejo do estafeta.

Quando regressou, deu a saber que o comandante lamentava não poder atender o pedido do rapaz, porque o navio se encontrava em combate. Informava-o, porém, de que o cunhado se encontrava bem e mandava cumprimentos à família. No entanto, mantinha o prometido: pedisse o que quisesse que, dentro das possibilidades, lhe seria prontamente concedido. Satisfeito com as boas notícias recebidas, o "Faísca" agradeceu o oferecimento, fez saudação e saiu do Arsenal, depois de se ter perfilado perante o oficial. Tinha apenas cumprido a sua obrigação e portanto nada queria receber...

* * *

Quando no quartel dos bombeiros se deu pelo desaparecimento do Manuel Ralão, o escoteiro-chefe do 7 saiu imediatamente

a procurá-lo, preocupadíssimo como é fácil de imaginar. Ao descer a Avenida, vislumbrou ao longe um escoteiro que, abrigando-se aqui e deitando-se acolá, procurava escapar às balas que assobiavam em todas as direcções. Era o Manuel Ralão que regressava ao seu posto no Grupo 7 a auxiliar os seus irmãos-escoteiros nos trabalhos extenuantes daquele dia...

FAUSTINO LEITÃO

(a) — O A. escrevera **leal guarnição,** *mas a Censura cortou* **leal.**



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA

"O NOSSO AMIGO JORNAL"

Na sessão comemorativa do 10º. aniversário de "Sempre Pronto" fez uma conferência o ilustre e saudoso jornalista Ernesto Belo Redondo. A certa altura disse ele:

(...) O homem de hoje pode encontrar no jornal um valioso amigo que, a troco de bem pouco, lhe oferece a universalidade da Vida, nos múltiplos aspectos da cultura, da arte, da divulgação científica, do acontecimento emocional e vivo, do jogo de opiniões, da defesa dos interesses públicos.

O jornal nem sempre agrada, mas as incompatibilidades que às vezes se verificam provêm, na sua maior parte dos paladares que o apreciam do que dele próprio.

(...) Há boa e má imprensa, conforme as opiniões dos que lêem, mas a cada um cumpre, tal como se seleccionam as amizades, escolher as amizades, escolher o órgão que mais lhe agrade. Mudarão decerto os gostos, mas a instituição ficará.

Belo Redondo, terminou a sua conferência considerando: "Sempre Pronto" é uma obra de ternura e de dedicação de um punhado de verdadeiros Escoteiros. *Convidou ainda os amigos do Escotismo a esforçarem-se* por tornar o "Sempre Pronto" o grande jornal que ele deve ser.

Aqui está um apelo que se pode manter.

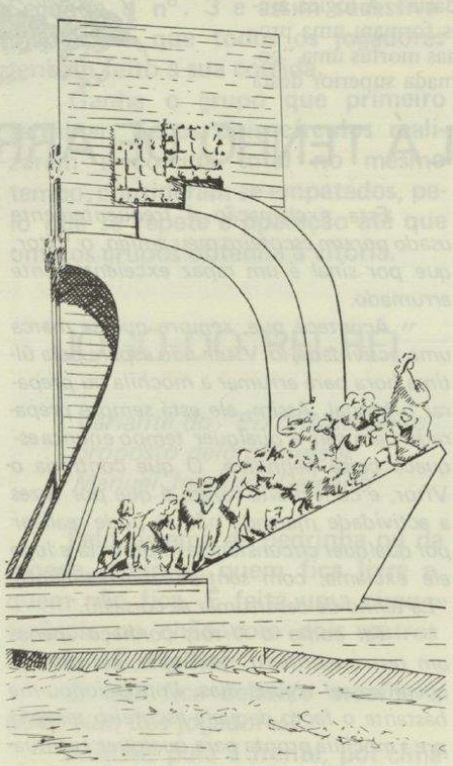
QUAIS SÃO AS FIGURAS DO MONUMENTO DOS DESCOBRIMENTOS ?

Continuamos a fornecer um breve apontamento sobre a biografia das figuras representadas no Monumento dos Descobrimentos que se ergue em Belém (Lisboa):

INFANTE D. FERNANDO: também filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, participou também na tomada de Ceuta. O infeliz príncipe toma também parte na expedição a Tânger, onde, porém, é feito prisioneiro, ficando sob penhor da promessa de restituição de Ceuta aos Mouros, promessa que não foi cumprida, motivo por que D. Fernando, que ficou conhecido por Infante Santo, acabaria os dias no cativeiro.

GONÇALVES ZARCO: outro famoso navegador português, que descobriu a ilha do Porto Santo e, mais tarde, a ilha da Madeira. Tomou parte na desastrosa expedição a Tânger, onde o Infante o armou cavaleiro. Alguns cronistas referem, embora se desconheça o fundamento de tal afirmação, que foi Gonçalves Zarco quem primeiro se lembrou de armar os navios com artilharia.

GIL EANES: cavaleiro do Infante, natural de Lagos. Experimentado navegador, dobrou o Cabo Bojador em 1434, destruindo assim as lendas de que aquelas regiões estavam rodeadas e abrindo o caminho para as expedições ulteriores ao longo da costa africana.



PERO DE ALENQUER: famosíssimo piloto e experimentado homem do mar. Pilotou a nau de Bartolomeu que dobrou o Cabo da Boa Esperança e, mais tarde, comandou a nau S. Gabriel da armada de Vasco da Gama que chegou à Índia.

PEDRO NUNES: célebre matemático, astrónomo e cosmógrafo. Estudou em Salamanca e foi lente das Universidades de Lisboa e de Coimbra. É autor de importantes obras científicas. Com a colaboração de um dos seus discípulos, o Padre Clávio, descobriu o nónio.

PEDRO ESCOBAR: outro importante navegador. Depois de descobrir a Mina, acompanhou Diogo Cão ao Congo. Mais tarde, pilotou a Bérrio da esquadra que Vasco da Gama levou à Índia. Fez também parte da armada de Álvares Cabral que descobriu o Brasil.

JÁCOME DE MAIORCA: famoso cosmógrafo espanhol, das Baleares, que o Infante D. Henrique chamou a Portugal. De descendência judia, foi mestre dos cartógrafos portugueses.

PÊRO DA COVILHÃ: célebre viajante português, D. João II encarregou-o, na fase preparatória do descobrimento da rota do Cabo, de ir à Abissínia e à Índia recolher elementos informativos sobre as linhas do comércio das especiarias e sobre o poder militar do Prestes João. Depois de visitar a Índia, dirige-se à Abissínia. Aqui é retido pelos negus, pelo que, depois de enviar as informações que recolhera a el-rei, se estabelece no país, onde veio a falecer anos depois.

GOMES EANES DE ZURARA: cronista-mor do reino, a quem Afonso V encomendou a continuação da Crónica Geral do Reino, tendo redigido a parte final do reinado de D. Duarte e o princípio da de D. Afonso V. No entanto, a sua obra-prima é a Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné, com que se inicia em Portugal a história da expansão ultramarina dos portugueses.

PÁGINA DO ESCOTEIRO



VAMOS DESCOBRIR A NATUREZA "DE JOELHOS"!

Existe uma técnica de formação ecológica que consiste em examinar atentamente uma parcela de terreno muito reduzida. Esta técnica é descrita em numerosos manuais escotistas e acaba de lhe ser dado um nome em inglês: "Nature Creep". Pode-se traduzir esta expressão por "descubra a natureza de joelhos". O texto é extraído duma publicação da Federação Nacional para a Natureza, Estados Unidos. (Se bem que seja útil dispor de uma lupa, este instrumento não é absolutamente indispensável aos jovens).

Em vez de se efectuar um longo passeio ao ar livre, observa-se atentamente, por meio de uma lupa, uma porção reduzida de terra. Pode tratar-se duma folha, dum bocado de erva, uma pena de pássaro ou uma formiga. Em breve descobrirão que o simples facto de se pôrem de joelhos lhes fará descobrir "um outro mundo".

Mesmo sem lupa, se observarem atentamente a natureza, as surpresas esperam-vos! Façam as seguintes perguntas: "Que se passa? " "Porquê? ".

Se disserem "mas aqui não há nada, excepto alguns bocados de erva", então experimentem "seguir" esses bocados sob a terra. As raízes que se agarram ao solo vos farão compreender o problema da erosão. Continuem a procurar e encontrarão várias larvas.

Não se contentem com as descobertas "evidentes". Se escavarem um pouco de solo de uma floresta, descobrirão sem dificuldade 1000 criaturas numa superfície de um metro quadrado. Àparte os vermes, procurem as aranhas, lesmas, os caracóis, traças, centopeias, toupeiras, ratos, etc..

Porque é que o solo de uma floresta é de tal maneira mais rico em vegetais e animais que o de uma pradaria? A lógica ajudar-vos-á a encontrar uma resposta: as árvores formam uma protecção natural contra o vento e a chuva, as folhas mortas uma "cobertura" na superfície do solo. Embora a camada superior desta folhagem constitua um isolamento, as camadas inferiores desintegram-se sem cessar sob a forma de alimento. Assim, este solo fresco e húmido constitui um habitat ideal para as mini-criaturas.

Uma lupa ajudá-los-á a descobrir como estas criaturas se alimentam, se reproduzem e se defendem. Utilizem uma lupa que aumente, pelo menos, dez vezes. Verão por exemplo que o corpo frágil de um aranhiço está coberto por uma espécie de pele muito espessa. Quanto às mudanças de cor das folhas, no Outono, pode ser seguido etapa por etapa. A lupa mostrará também porque é que, quando se caminha por uma praia, os nossos passos produzem ruídos (grãos de areia de ângulos aguçados) enquanto que sobre outra praia se caminha silenciosamente (grãos de areia arredondados).

Onde quer que habitem, há um mundo fascinante aos seus pés!

Do suplemento do "Boletim do Escotismo Mundial".
– Novembro de 1974. Tradução de Maria Edite Domingues Filipe.



LÁ TENHO DE ARRUMAR AS COISAS



PARA TI IRMÃO ESCOTEIRO

Esta exclamação é frequentemente usado por um escoteiro meu amigo, o Vítor, que por sinal é um rapaz excelentemente arrumado.

Acontece que, sempre que se marca uma actividade, o Vítor não espera pela última hora para arrumar a mochila ou preparar o bornal. Assim, ele está sempre preparado para sair a qualquer tempo e nunca esquece coisa nenhuma. O que contraria o Vítor, e com muita razão, é que por vezes a actividade marcada não se pode realizar por qualquer circunstância imprevista e logo ele exclama, com sentido aborrecimento: "Lá tenho de desarrumar as coisas!..."

Tal como o Vítor, conheço apenas um outro escoteiro, um inglês, em casa de quem passei alguns dias. Impressionou-me bastante o facto daquele escoteiro ter sempre a mochila pronta para qualquer eventualidade. Parece-me que tanto o Vítor como o Bob, assim se chama o meu amigo inglês, procedem como autênticos sempre prontos.

São sempre prontos porque não esperam pela última hora, pela própria ocasião, para improvisar qualquer coisa, que pode sair mal feita.

São sempre prontos porque sabem prevenir-se com antecedência, não só com as coisas da sua mochila, mas com conhecimentos, treinando-se assiduamente nas técnicas escotistas antes de terem de entrar em acção.

Espero que todos vós, meus caros irmãos-escoteiros, passem a proceder como o Vítor e o Bob.

Um abraço do teu

Irmão Escoteiro

Será este um "Sempre Pronto"?



ECOLOGIA

AS PLANTAS VIAJAM

Numa tarde quente de Verão, um museu de botânica estava quase deserto, apenas um guarda fazia a sua ronda quando de súbito soou um estalo. A vidraça de um dos armários estava partida, mas não havia ninguém na sala.

A vigia olhou em volta procurando o causador. Nada!

Lá de fora ouvia-se o ruído de crianças brincando — devem ter arremessado uma pedra, pensou. E fechou a janela.

Novamente se ouviu o mesmo estalar e o vigia tornou a ver o que havia acontecido, e novamente uma vidraça partida. O vigia intrigado procurou o director do museu, voltaram os dois para o mesmo local e, logo, o director verificou que o causador do barulho estava dentro do armário. Nada mais era que uma planta tropical acabando de amadurecer sob o efeito do calor: a HEDERA CREPITANS.

A Hedera Crepitans é uma das plantas que tem a propriedade de lançar longe as sementes quando amadurece.

Conservação da espécie — as plantas, como todos os seres vivos, procuram sob todas as formas perpetuar a sua espécie e continuar no mundo.

A primeira etapa para que isso se verifique é a reprodução. Realizada esta, surgem as sementes. As sementes contêm embriões que, desenvolvidos, dão origem a novas plantas que, por sua vez, tornam a produzir sementes. Assim se completa o ciclo que garante a permanência de determinados tipos de plantas na flora de uma região.

Reportagem: Ed. — Transcrito do "Noticiário 131" do Grupo Escoteiro "Copercotia" — de São Paulo — Brasil.

VAMOS FAZER UM JOGO

LEVANTA-TE E CORRE

Os Escoteiros formam dois grandes círculos. Sentam-se no chão, cruzando as pernas, ficando os dois grupos um pouco distanciados. Os dois círculos devem ter o mesmo número de escoteiros, que se numeram da direita para a esquerda.

Ao apito do chefe, o nº. 1 de cada círculo levanta-se e corre em volta até vir ocupar de novo o seu lugar. Logo que esteja sentado, levanta-se o nº. 2 e faz a mesma corrida.



Segue-se o nº. 3 e assim sucessivamente até que todos os jogadores tenham feito a sua corrida.

Ganha o grupo que primeiro terminar. Se os dois círculos realizarem a corrida total no mesmo tempo, consideram-se empatados, pelo que se repete a operação até que um dos grupos obtenha a vitória.



"JOGO DO REI-REI"

Variante do "Eixo-Ribaldeixo" proposto pelo professor Manuel Joaquim Delgado

Pelo sistema da pedrinha ou da moeda, apura-se quem fica livre e quem não fica. É feita uma circunferência no chão com dois metros de raio. (É o talho).

O que fica debaixo escolhe a MÃE (um dos jogadores).

A MÃE pula à frente, por cima do que está flectido, e todos os outros têm de o imitar, fazendo o mesmo que ele fizer. Se tal não se verificar, perde e vai substituir o que está debaixo, aquele que incorreu em falta.

Primeiro pula (salta) a MÃE e diz:

— Rei-Rei tem uma quinta!

Todos os restantes jogadores saltam, cada um por sua vez e a seguir, repetindo o que o primeiro disse.

No segundo salto, dizem:

— A quinta tem uma árvore!

No terceiro salto:

— A árvore tem um buraco!

No quarto:

— O buraco tem ninho!

No quinto:

— O ninho tem ovos!

No sexto:

— Os ovos chocaram!

No sétimo:

— E os passarinhos abalaram!...

Agora, depois do último pular, fogem todos cada um para seu lado e o que ficou debaixo corre atrás deles. Este, antes de correr, dirá: Correr para a mãe e correr para os filhos...

Aquele que for tocado com o lenço de escoteiro (ou a boina) do perseguidor, que pode mesmo lançar esses objectos, perde e ficará em lugar do outro. Mas se não acertar em nenhum deles, depois de terem corrido e de voltarem todos à MÃE, torna a ficar o mesmo.

CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Muitos dos nossos dedicados amigos e assinantes tiveram a gentileza de nos endereçar os seus cartões de boas festas acompanhados de votos para o Ano Novo e de palavras bem amigas, que muitos nos sensibilizaram. Pedindo desculpa de qualquer omissão involuntária, registamos a presença dos seguintes amigos:

Senhores António Barbosa, António Luís Guerreiro, Dr. Fernando de Meira Ramos, José Luís Pinto Machado, todos do Porto; Lobo de Miranda Trigueiros, António de Jesus Brito, de Olhão; Eugénio Ribeiro Nunes, Joaquim Manuel Soares Raposo, D. Jesuína J. Aurélio, de Lisboa; Vítor Manuel da Conceição Ferreira, de Carcavelos; Duarte Manuel Gomes dos Reis, Jacinto dos Reis Moniz Silva, prof. Leopoldino da Rocha Tavares, de Angra do Heroísmo; José António Ribeiro e Cunha, de Luanda, Manuel Pereira, de Benguela; José Dinis Camacho, de Moçâmedes; Paulo César Sousa, de Cabinda; Amaro João Pereira Barbosa, de Malange; José Alberto Teixeira Cerqueira, da Beira; Mário Coelho Proença Leonardo, de Portimão; António F. Miranda, de Lourenço Marques; Engº. Kaol Sugimoto, de São Paulo, Brasil; Reynaldo Galvão, do Rio de Janeiro, Brasil; Sebastião G. Silva e António R. Chamusco, dos E.U.A.

Também os amigos srs. José Manuel Macedo, E.U.A.; António Augusto da Silva e Cunha, Luanda; Berth Smith, Canadá. Também o sr. Dr. António Ribeiro de Jesus, dirigente escoteiro da U.E.B. e grande amigo de Portugal e do Escotismo Português, nos dirigiu a seguinte mensagem: Ao... amigo e por seu intermédio ao estimado Povo Português o Jesus e a Direcção do 1º. Hospital Distrital de Brasília cumprimentam, desejando um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo. a) António Ribeiro de Jesus, ass. do Director.

E ainda dos Dirigentes e Escoteiros dos Grupos nºs. 4, Porto; 12, Sassoeiros, Carcavelos; 17, Porto; 23, Queluz; 24, Funchal; 26, Póvoa do Varzim; 31, Lisboa; 33, Porto; 39, Benguela; 41, Gaia; 52, Angra do Heroísmo; 94, Lisboa; Grupo do Dondo, Moçambique; Grupo em organização em Moimenta da Beira; da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, e os Antigos Escoteiros da União dos Escoteiros do Brasil.

Tiveram ainda a amabilidade de nos visitar com a mesma intenção os nossos queridos amigos e camaradas srs. António Francisco Xavier de Brito, Albano da Silva, Ernesto Clímaco do Nascimento, Justino Estêvão da Silva e Eduardo Xavier.

A todos expressamos a nossa gratidão com iguais votos.

PASTOR JOEL PINTO

Este nosso estimado amigo, antigo escoteiro do Grupo nº. 8 (AEP) de Lisboa, que se encontra na Suíça a pastorear uma igreja de Neuchâtel, passou alguns dias do início do ano em Lisboa, onde tivemos o prazer de o abraçar, tendo já regressado ao seu campo de trabalho.



NOS ESTADOS UNIDOS

EM FALL RIVER FOI ORGANIZADO UM GRUPO DE ESCOTEIROS PORTUGUESES

Com aprovação da "Boy Scouts of America" foi constituído em Novembro, nesta cidade, um Grupo de Escoteiros Português, cujo quadro dirigente é constituído por antigos escoteiros e dirigentes açorianos, tendo sido fundado pelo sr. Francisco Simas, antigo membro do Grupo 80 (AEP) de Ponta Delgada, que dirige a divisão escoteira ajudado por seu irmão José Fernandes Simas.

A divisão lobito é dirigida pelo chefe José Manuel de Macedo, antigo chefe ajudante do mesmo grupo, coadjuvado pela srª. D. Julieta Almeida, que durante doze anos cooperou no CNE também de S. Miguel, e pela srª. D. Lídia Moura.

O presidente da Direcção é o nosso amigo sr. Fernando Soares de Macedo, que durante largos anos foi escoteiro-chefe do mesmo Grupo 80, O secretário é o sr. Sebastião Vasconcelos, antigo chefe de tribo do Agrupamento 52 (CNE) também de Ponta Delgada.

O Grupo está anexo à Igreja de Santo Cristo daquela cidade americana e tem a sua sede na Morgan St. 7 — Fall River — Mass. USA.

O dia 22 de Fevereiro, data universariante de B.—P., marcará a data da fundação da unidade com uma sessão inaugural. Dirigentes da "Boy Scouts of America" farão entrega de uma placa como membro daquela associação.

José M. Macedo

CARTA DO BRASIL

JOSÉ ALEXANDRE RAMOS, ANTIGO ESCOTEIRO DO GRUPO 13, É AGORA DIRIGENTE ESCOTEIRO NO BRASIL

Os nossos camaradas de "O Guia" fizeram chegar às nossas mãos uma carta que chegou à sua Redacção no Rio de Janeiro, dirigida a "Sempre Pronto", cujo endereço o remetente ignorava. Agradecemos a atenção e saudamos os nossos camaradas de imprensa escoteira. Dizia o nosso correspondente:

"Por volta de 1952, pertenci ao Grupo Escoteiro nº. 13, o qual funcionava na Sociedade de Geografia, em Lisboa. Tenho recordações dos acampamentos que fizemos, em conjunto com outro grupo cujo número não recordo (...) O chefe era um professor de educação física, o sr. Júlio Óscar dos Santos, e o subchefe um rapaz chamado José Maria Albuquerque Lourenço, que foi para Cabinda mais tarde. Lembro-me também do Engº. José Maria Nobre Santos com quem privei bastante, Nunca mais tive notícias, o certo é que (...) a partir de Fevereiro reingressei no Movimento aqui no Brasil, com o cargo de Chefe de Grupo, que aqui tem um sentido diferente daí. Aqui o chefe tem a supervisão geral das secções. Estas são a Alcateia, Tropa Senior e o Clã de Pioneiros.

(...)No início quase me esqueci dessa faceta da minha vida passada. Porém, à medida que me envolvia mais no Escotismo, mais me lembrava de ter sido escoteiro. Agora sinto vontade de contactar novamente com alguém que ainda se lembre de mim, e que tenha pertencido ao Movimento.

"Também me lembro de ter participado na instrução dos lobinhos do Grupo de Gaia chefiado pelo amigo Arnaldo Couto, de quem nunca mais tive notícias.

"Será que um lembrete a esses velhos-lobos faça reviver velhas recordações?

Pois aqui está o lembrete. Serve ainda para fazer prova de que a "semente" escoteiro nunca fica morta. Ressurge sempre que encontra terreno propício e manifesta-se no procedimento diário de cada antigo escoteiro.



Encontro de dirigentes portugueses e americanos para a fundação do grupo. Sentado, da direita para a esquerda, o chefe José M. Macedo é o segundo; atrás, de pé, o seu pai chefe Fernando Macedo.

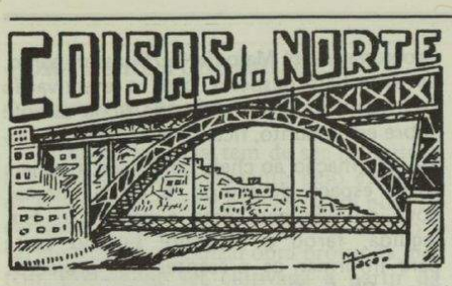
O GOVERNO ESPANHOL... DEU LEGALIZAÇÃO À ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EXPLORADORES DE ESPANHA

Esta inesperada notícia chega-nos pelo "Boletim Nacional" dos Exploradores de Espanha e pela pena de um dos seus mais devotados e perseverantes dirigentes, o nosso querido amigo Enrique Genovés.

O Escotismo de Espanha, que prestou relevantes e neutrais serviços durante o conflito que ensanguentou o país vizinho, encontrava-se suspenso desde a véspera do dia de S. Jorge de 1940. Durante todos estes anos, os mais lídimos membros do Escotismo em Espanha mantiveram a sua fidelidade ao Movimento, que passou, no decorrer do tempo, de proibido a tolerado, e alcançou agora, em 17 de Outubro de 1974, a sua legalização e consequente personalidade jurídica.

Estão de parabéns os, então, Caminheiros da Equipa Lobo Gris, que foram os mais persistentes batalhadores desta tarefa. Embora o momento do reconhecimento não seja talvez o mais oportuno, representa ainda um acto de justiça como foi reconhecido pelo Delegado Nacional da Juventude, Manuel Valentin Gamazo, que acrescentou: "vós escoteiros haveis sido os pioneiros, não só em Espanha mas em todo o mundo, das actividades juvenis de tempo livre (...)"

Durante o longo tempo de espera, os dirigentes do Escotismo Espanhol informaram as unidades espalhadas por todo o país que, logo que chegasse o momento do reconhecimento, seria expedido um telegrama com uma única palavra: — Já! (Ya! em espanhol). Pois esse telegrama saiu no dia 17 de Outubro. Fraternais saudações aos nossos irmãos espanhóis.



GRUPO N.º 26 — Póvoa de Varzim — A actividade deste grupo tem sido bastante intensa. As comemorações do primeiro aniversário da sua fundação, nos dias 31 de Agosto e 1 de Setembro últimos, iniciaram-se com um acampamento no largo do Bairro de Nova Sintra em conjunto com os Grupos nºs. 25 e 37 da A.E.P. e os Agrupamentos do C.N.E. de Matriz, de S. José de Ribamar, da Lapa, de Terroso e de Beiriz. Presente também o E.C. Bernardino Teixeira, que presidiu a um júri para a atribuição de prémios. O primeiro prémio foi atribuído ao lobito Vítor Ferreira e o segundo à avezinha Maria da Graça Ferreira que apresentaram, respectivamente, um acampamento e uma farda de aquelá em miniaturas, e foram contemplados com uma faca de mato e uma bússola. Prestaram seus compromissos e promessas, um caminheiro, cinco escoteiros, três lobitos e quatro avezinhas, no decorrer das cerimónias religiosas efectuadas na Capela do Senhor do Bonfim e dirigidas por Monsenhor Pires Quesada. Finalmente, houve uma festa de convívio na sede do grupo, onde, além dos escoteiros, actuaram Paco Bandeira e o conjunto Lopes de Almeida, que confraternizaram com os elementos escotistas presentes.

O E.C. Manuel Leite agradece ao sr. Alberto Gavina de Castro, proprietário do prédio onde está localizada a sede do Grupo que, além de não cobrar qualquer importância como aluguer, fez a oferta de mil escudos.

Alguns dos elementos do grupo acamparam, em fins-de-semana, em Touguinha e Fontainhas, tendo os lobitos visitado o aquário de Vila do Conde, onde se deslocaram a pé na companhia dos chefes e de duas aquelás.

A convite do Agrupamento nº. 123 do C.N.E., de S. José de Ribamar, o Grupo nº. 26 tomou parte num colóquio, dialogando sobre os problemas da juventude, tendo assistido à festa daquele Agrupamento, que teve lugar nos dias 2 e 3 de Novembro. Daqui enviamos ao "26" os nossos melhores votos de *Boa Caça.*

GRUPO Nº. 33 — Porto — Este Grupo, com cerca de noventa elementos, tem trabalhado dentro de um programa previamente elaborado para várias actividades, em comum com as 2ª, 3ª e 5ª Companhias de Guias, bem como com a 2ª. Companhia de juniores, também com sede na Igreja de Cristo-Rei.

No dia 16 de Novembro, em ambiente festivo e de sadia camaradagem com aquelas companhias, levaram a efeito um "magusto" e uma "ceia", assim como concursos escotistas, concluindo com a "velada de canções e reflexões". Seguidamente, os E.C. Manuel Osório e António Sarmento, os escoteiros Salvador Coelho, Sousa Pinto, Vasco Guerra, Padrão e Coelho e as guias Margarida Nogueira, Maria José e Lia, após as cerimónias de "purificação e iluminação", mantiveram a decisão firme de passar a "vigília" acampados, apesar do forte temporal que se fez sentir. No domingo seguinte, numa concorrida e muito participada celebração, seguindo cada um o ritual próprio, alguns elementos renovaram as suas promessas, enquanto as novas avezinhas, lobitos, escoteiros e caminheiros, fizeram as suas promessas e compromissos. Às cerimónias religiosas presidiu o Rev. Frei Bernardo Domingues, que muito tem ajudado o movimento escotista dentro do grupo. Os visitantes ficaram muito bem impressionados com o espírito escoteiro que reina neste numeroso e entusiasta grupo.

A provar este entusiasmo, basta referir que o escoteiro António Miguel R. Coelho, após o seu compromisso e devido às actividades profissionais de seu pai, passou a residir em Coimbra. Pois nem por este motivo abandonou o seu grupo, deslocando-se todos os fins de semana ao Porto para tomar parte nas actividades e trabalhos com os seus camaradas.

De entre os vários projectos, sempre elaborados a longo prazo, cite-se a projecção de filmes próprios para jovens até aos 13 anos, aos domingos de tarde, no salão dos Padres Dominicanos do Convento de Cristo-Rei.

Efectivamente, esta é uma das "boas acções" do Grupo, dado que, infelizmente, os proprietários dos *écrans* públicos andam arredios dos problemas juvenis naquele sector, que tanto respeito mereceu ao inolvidável Walt Disney.

Um BRAVO para o "33".

ACTIVIDADES REGIONAIS

Efectuou-se no passado dia 27 de Outubro, no Parque da Cidade do Porto, à Circunvalação, a festa do DIA DO LOBITO, a nível regional.

Dando continuidade ao efectuado em 1973, a Direcção Regional do Norte levou a efeito, durante a quadra natalícia, várias visitas a estabelecimentos de beneficência, de cujas actividades daremos notícias no próximo número.

Também o Grupo nº. 91 ofereceu, no dia 22 de Dezembro, uma festa de Natal aos seus escoteiros e familiares, de que daremos mais elementos oportunamente. — **J. F.**

ADMINISTRAÇÃO

COBRANÇA DE ASSINATURAS

No princípio do mês de Janeiro corrente, foi efectuada por via postal a cobrança de assinaturas de fora de Lisboa. Alguns dos nossos estimados Assinantes não foram encontrados em suas casas, pelo que não puderam satisfazer o respectivo pagamento. Agradecemos muito se estes nossos amigos puderem remeter-nos o valor de suas assinaturas em cheque, vale de correio ou selos postais de 1$50.

XVII JAMBORI DO AR

Assinado pelo dirigente dos serviços administrativos do Grupo 4, o nosso companheiro sr. Domingos Figueiredo, recebemos uma carta deste Grupo onde nos é dito:

"Na secção COISAS DO NORTE diz que o nosso Grupo trabalhou "isolado". Ora nós não temos qualquer interesse em trabalhar isolados, até pelo contrário, como se compreende... mas só o fez porque o delegado do JOTA nos anos anteriores, (não sabemos o que passou este ano) mandou todos os grupos para dois ou três radioamadores. Cá no Porto existem postos suficientes onde trabalhar no JOTA, mas simplesmente não foram abordados".

O nosso correspondente procura ainda dar outras justificações sobre a sua colaboração no JOTA, que nos parecem aceitáveis mas focam aspectos que nada acrescentam de interesse. De resto, no "Sempre Pronto" não foi dito que o Grupo 4 "trabalhou isolado". O nosso Delegado fez considerações pertinentes sobre a conveniência de que todos os chefes se mentalizassem no sentido de conseguir que, futuramente, houvesse mais colaboração entre todos, desejos que, afinal, o Grupo nº.4 também não enjeita.

ANTÓNIO AUGUSTO DA SILVA E CUNHA

Deu-nos o grato prazer de sua visita e tivemos a satisfação de abraçar em Lisboa o nosso querido amigo E.C. António Augusto da Silva e Cunha, delegado dos Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal em Angola, onde desempenha também o alto cargo de intendente administrativo.

Este nosso antigo e dedicado colaborador veio a Lisboa tratar de assuntos de sua família, regressou já a Luanda, onde presentemente tem a sua residência.

ANTIGOS ESCOTEIROS XI ASSEMBLEIA GERAL E SEMINÁRIO DE AMIZADE

Um nosso estimado e atento Leitor chama pertinentemente a nossa atenção para a local que, sob o título em epígrafe, publicámos em Novembro p.p., de onde se pode deduzir que os preços registados se entendem para toda a estadia. Não é assim. A inscrição de 150 coroas, cerca de Esc. 660$00, é um só pagamento. Mas os preços para pensão e campismo referem-se às respectivas diárias.

ESCOTISMO EM QUELUZ

Grupo nº. 23

Está constituída e aprovada pela Direcção-Central a Direcção desta unidade dos Escoteiros de Portugal que tem a sua sede em Queluz, quase defronte do Palácio. Ficou assim constituída:

Presidente — Justino Estevão da Silva
Secretário — Mário Alfredo de Sousa
Tesoureiro— Luís Garcia Inácio
Vogal — António Ferreira Pinto
Vogal — D. Júlia Maria de Oliveira e Silva
Chefe de Grupo — Jaime dos Santos Pereira

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

COMISSÃO CONSULTIVA

Foi publicado no último Boletim Oficial a constituição desta Comissão, instituída com carácter provisório como órgão consultivo, fiscal e patrocinador, que exercerá as suas funções até à aprovação de novos estatutos. São os seguintes os nomes dos Antigos Escoteiros que acederam ao convite::

Dario Gonçalves
Rev. Eduardo Moreira
Dr. Ernesto Moreira
Filipe Nazareth Fernandes
Eng. Henrique de Barros
Humberto Martins
João Miranda Trigueiros
General Jorge Oom
José Ferreira Queimado
Arq. José Maria Segurado
José Soares Fabião
Arq. Luís Benavente
Eng. Luís Guimarães Lobato
Sigvald Wiborg



No passado dia 24 de Novembro, faleceu a Sra. D. Irene Adelina da Silva Santos Coutinho Lanhoso, esposa do sr. comandante Adriano Coutinho Lanhoso, presidente da Direcção Regional do Norte.

Também no dia 11 de Dezembro último, faleceu o sr. José Ernesto Fernandes Couto, irmão do chefe regional do Norte E.C. Arnaldo Eduardo Couto e tio da sra. D. Arnaldina Araújo Couto e do sr. Arnaldo Araújo Couto, antigos elementos do Grupo nº. 91.

Às famílias enlutadas, todos os que trabalham em "Sempre Pronto" endereçam as suas mais sentidas condolências.



PUBLICAÇÕES ESCOTEIRAS

O dirigente escotista nortenho, sr. Bernardino da Silva Teixeira, já há alguns anos vem editando interessante material de divulgação escoteira, constituído principalmente por calendários (escoteiros e guidistas), folhinhas anuais, postais ilustrados, folhetos, blocos de apontamentos.

A edição deste ano aparece enriquecida com novos espécimes, que muito podem interessar aos Grupos de Escoteiros para divulgação e propaganda.

Os pedidos podem ser feitos àquele Dirigente, Rua Infante D. Henrique, nº. 39, 3º, Porto.



GRUPO Nº. 6 – OLHÃO
FESTA DE HOMENAGEM

No dia 1 de Dezembro passado, realizou-se, na sede do Grupo 6, uma sessão de homenagem ao dirigente algarvio, sr. João Lobo de Miranda Trigueiros.

Estiveram presentes a este acto os srs. Mário Lusano Leite, em representação da AEP; José Manuel Pereira, dirigente do núcleo de Sotavento do Algarve, Francisco de Almeida, Manuel José Martins, e José Penasqueiro Gago, representando o Grupo nº. 77; Romualdo Pescada e José Camarada Veia, dirigentes do Grupo nº. 60; a 1ª. Compª. de Guias de Olhão e ainda escoteiros dos três Grupos da Região do Sul.

Usou primeiramente da palavra José Manuel Pereira, que enalteceu as qualidades do homenageado, fazendo algumas considerações sobre a sua longa actividade ao serviço do Escotismo. Seguidamente, foi feita a entrega dum ramo de flores, por uma guia da 1ª. Compª. de Olhão. Oferta modesta mas de grande beleza e significado.

Agradeceu o homenageado com palavras simples e manifestou a sua surpresa por tudo o que estava acontecendo. Terminou esta singela mas justa homenagem, com um afectuoso abraço, do dirigente Mário Lusano Leite, agradecendo em nome da Direcção da AEP, os relevantes serviços prestados ao Escotismo pelo sr. João Trigueiros, através de meio século na prática de escotismo.

DIA DE RESTAURAÇÃO

No dia 1 de Dezembro, festejou o Grupo nº. 6, esta efeméride, com um içar da bandeira nacional no mastro da sua sede. Seguiu-se depois um interessante jogo: cada patrulha procuraria encontrar dentro da vila, vestígios da pré-história. Assim, os escoteiros, com pedras, canas, fios feitos de arbustos, procuraram improvisar instrumentos e outros utensílios dessa época, tais como machados, arcos e flechas, arpões, zagaias etc. etc., e ainda matérias relacionadas com a alimentação e outros aspectos primitivos. Foram apresentados utensílios muito bem confeccionados.

Na tarde do mesmo dia, efectuou-se um convívio escotista. Foram projectados filmes infantis, realizaram-se jogos de sala e foi depois servido um delicioso chá a todos os presentes. Nestas actividades participaram as Guias da 1ª. Compª. de Olhão. Também esteve presente o dirigente sr. Mário Lusano Leite.

REUNIÃO DE DIRIGENTES

Ainda no dia 1 de Dezembro, efectuou-se uma reunião dos dirigentes dos Grupos da Região Sul. A presidir, esteve o Chefe do Núcleo, sr. José Manuel Pereira. Presentes a totalidade dos dirigentes algarvios. Tratava-se nesta reunião de saber quais as actividades que os Grupos tinham programado até Maio de 1975, assim como, as eventuais despesas com a efectivação das mesmas. Pouco ou nada ficou assente sobre este assunto, ficando acordado enviar-se informação ao chefe de núcleo, no mais curto espaço de tempo e ainda, marcar nova reunião para data a combinar. Em seguida, farou o dirigente Lusano Leite para informar os presentes dos projectos que a Chefia Geral está a preparar sobre os novos moldes do Regulamento Geral e também do padrão de uniformes que talvez venha a ser adoptado. Foi sugerido pelos chefes presentes, que os Serviços Centrais deveriam enviar cópia de tudo quanto está a ser projectado, a fim dos dirigentes algarvios poderem emitir os seus pareceres.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Correspondendo ao sugerido pela Chefia-Geral, o Grupo nº. 6 colaborou activamente com a Comissão de Recenseamento da freguesia de Olhão, contribuindo e até aconselhando as medidas mais adequadas para o bom funcionamento das "bichas" que se formaram nos primeiros dias, auxiliando as pessoas no preenchimento dos verbetes bem como outros serviços.

Boa actividade cívica.

A. J. B.



Escoteiros do Grupo nº. 6 operando no CTIDE do radioamador sr. José da Conceição Viegas por ocasião do Jambori do Ar – 1974.

ESCOTEIROS DE ANGOLA

Os Grupos de Escoteiros e de Escutas de Angola estão procedendo ao estudo da sua instituição como associação nacional, tendo realizado frutuosos encontros em que se chegou a esperançosos acordos. Encontra-se em fase adiantada a preparação dos respectivos estatutos, podendo já adiantar-se que é vontade unânime dos dirigentes escoteiros de Angola que ali se constitua uma única associação que englobe rapazes de todas as raças e etnias, religiões e pensamento político.



Desde já saudamos a nascença de autêntica associação de Escoteiros em Angola.

HORA DE RESPONSABILIDADE

Continuação da página 1

A Democracia tem de ser instaurada nos espíritos especialmente pelo exemplo de todos aqueles que estiverem em posição de relevo e, por isso, também o Estado a vai instituir. Para realizar obra profunda, porém, precisa de ser cultivada a partir da mais tenra idade. É na Família e na Escola que se devem lançar as primeiras sementes. A Democracia é para ser vivida no clube, na oficina, no sindicato, na aldeia, no bairro, na freguesia. Pratica-se e emerge, assim naturalmente, das mais modestas instituições até às mais altas esferas do Poder. Não pode haver autêntica democracia enquanto cada um de nós for um ditador nato, pronto a exercer despotismo onde for possível alcançar alguma autoridade. Todos sabemos como entre nós, por reacção em cadeia, se multiplicaram os ditadorzinhos na repartição, na fábrica, na bilheteira, no quartel, na estrada. Qualquer porteiro fardado era um tirano. A grande maioria dos portugueses cresceu neste ambiente de intolerância, de dogmatismo, de violência, e esta mentalidade não se transforma apenas pelo simples câmbio político das instituições. Urge promover uma obra persistente de educação, de formação, especialmente junto da criança e do adolescente. Reside aqui a grande oportunidade do Escotismo especialmente qualificado para esta tarefa numa colaboração estreita com a Escola e a Família. Nós não ensinamos nem ministramos Democracia, mas treinamos o rapaz na sua prática constante numa actividade alegre e sadia, no respeito pela dignidade e vida humanas.

Necessariamente que ao falarmos de Escotismo não queremos generalizar todos os grupos de escoteiros. Há muito para corrigir. Há grupos sem vida nem acção, ignorando completamente o *sistema de patrulhas,* que dá autenticidade ao Escotismo. Há muito dirigente que fala do "seu grupo", do "seu núcleo", da "sua região" como coisa realmente sua, onde só ele impera e dá ordens. Isto é a negação do Escotismo. O Movimento tem de pertencer ao rapaz, que deve ser escutado. O Dirigente tem de possuir alma de rapaz e espírito de educador. Deverá apagar-se para que o adolescente se destaque e revele aptidões naturais, que se desenvolverão em capacidades, desabrochando para a vida, ansioso por servir a comunidade e o semelhante, único caminho para a Democracia. No grupo de escoteiros o rapaz habitua-se a conviver com os seus companheiros, com todos os camaradas, sejam quais forem as suas correntes de pensamento.

Este é o grande objectivo do Escotismo. Neste princípio de 1975, forçoso será que coloquemos urgentemente o Movimento em posição de responder às exigências do momento histórico que estamos a viver. Se não estivermos à altura da nossa grande responsabilidade, se continuarmos a trabalhar nas *águas mornas* em que temos agido há demasiados anos, bem poderemos arrumar o Escotismo Português num museu de coisas do passado, ultrapassadas e inúteis. Mas a responsabilidade dessa falência só poderá ser atribuída à nossa incompetência porque o Escotismo aí está vivo e activo em diversos países do mundo, dando pleno rendimento, afirmando a sua eficácia na educação da gente nova.

NÃO GOSTAR DE "ESCUTISMO" E FALAR DAQUILO QUE SE IGNORA

Continuação da página 12

uma página brilhante do pequeno exército inglês. Baden-Powell, a quem competia a defesa da praça, em face da falta de homens, organizou um corpo de cadetes para o serviço de mensageiros, distribuidores de correio e serviços auxiliares. Esse corpo prestou relevantes serviços e B. P. apercebeu-se aí do valor extraordinário da juventude, experiência que o levou mais tarde a escrever o *Escutismo para Rapazes,* donde derivou o Movimento.

O sr. Melo, severo como sempre, descobriu que *os rapazes de uma cidade foram utilizados nos serviços secretos, fornecendo informações sobre as actividades dos indígenas da região de Mafeking (África do Sul).* E acrescenta com toda a esperteza: – *Quem é bom, quem é? O branco ou o preto?* Delação novamente! Então os boeres eram pretos, sr. Severo? Os boeres não são os actuais *racistas* da África do Sul?

"O ESCOTISMO APOIA A PENA DE MORTE"

Na página 19, B. P. conta outra história onde procura destacar o valor do espírito de observação. Uma narrativa verdadeira. No norte de Inglaterra tinha-se dado um assassínio brutal. A população andava apavorada com o crime porque não era conhecido o seu autor. Um pastorzinho encontrou na charneca um vagabundo e reparou que ele tinha nas botas umas tachas singulares cujas marcas coincidiam com pegadas vistas no local do crime. Descobriu assim, através do seu apurado espírito de observação, o criminoso, que foi julgado e condenado à morte. A história fala de um vagabundo (em inglês *tramp).* O sr. Melo aqui não é severo. Imagina atenuantes para o criminoso: *Um cigano matou uma velha. Possivelmente nem o queria fazer ou até talvez quisesse; possivelmente estaria com fome; possivelmente haveria atenuantes no homicídio, Mas que interessa isso a Baden-Powell?*

Que belo advogado de defesa! Mas "vagabundo" não servia o objectivo severo do sr. Melo e, então, transforma o vagabundo em "cigano". "Racismo!" E conclui:

– E assim todo o escoteiro, como este rapazinho, deve praticar, diariamente, a sua boa acção.

Por estes bocados de prosa, o leitor poderá fazer juízo da lógica e dos processos usados para fazer o ataque ao Escotismo. Falta-nos o espaço para prosseguir na análise das *delações* do sr. Severo de Melo que não deve ter má intenção, são ainda juízos de menino, reminiscência de qualquer antipatia infantil. O sr. Severo de Melo tem o direito de não gostar do Escotismo, mas se escreve numa revista séria como a "Vértice" tem o dever de ser correcto nos seus comentários e de se documentar devidamente sobre aquilo que vai escrever.

Devia saber que o Escotismo reúne milhões de rapazes e é o movimento de juventude que mais contribui para a compreensão entre a mocidade de todas as latitudes, raças e opiniões. Não devia ignorar que em Portugal há uma associação, os Escoteiros de Portugal, que não é dirigida por Padres, embora nas suas fileiras todos tenham lugar, e por elas têm passado rapazes brancos, negros e até ciganos! Que o Escotismo em Portugal, durante o fascismo, foi apenas tolerado, que alguns chefes passaram pela cadeia; que nas Colónias o Escotismo foi dissolvido e apreendidos todos os seus bens. Se quiser consultar numa Biblioteca os 357 números publicados por "Sempre Pronto", nos últimos 30 anos, poderá encontrar nas suas colunas os mais elevados ideais e matéria que nega rotundamente todas as suas tristes delações.

OS ACAMPAMENTOS NACIONAIS

PROMOVIDOS PELA ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Conforme prometemos, publicamos a relação dos Acampamentos Nacionais promovidos pela AEP, em virtude da que publicámos anteriormente não estar correcta.

A relação certa é a seguinte:

I – 1916 – 4 a 12 JUNHO – Paiã e Porto Brandão
II – 1927 – 13 a 23 AGOSTO – Queluz
III – 1933 – 9 a 21 AGOSTO – Carcavelos
IV – 1934 – 9 a 21 SET. – Porto
– Comemorativo dos 21 anos da A.E.P.
V – 1935 – 15 a 25 AGOSTO – Estoril
VI – 1938 – 30 AG. a 9 SET. – Benfica (Lisboa)
– Comemorativo dos 25 anos da A.E.P.
VII – 1940 – 30 AG. a 9 SET. – Belém (Lisboa)
VIII – 1950 – 11 a 21 SET. – Carcavelos
IX – 1964 – 21 a 31 AGOSTO – Caparica
– Acampamento Nacional do Jubileu ANAJU (50 anos da A.E.P.)
X – 1966 – 3 a 11 SET. – Caparica
XI – 1970 – 14 a 23 AGOSTO – Caparica
(Conhecido pela designação de XIACNAC)
XII – 1973 – 17 a 27 AGOSTO – Porto

NÃO GOSTAR DE "ESCUTISMO" E FALAR DAQUILO QUE SE IGNORA

Chamaram a nossa atenção para a revista "Vértice", de Nov.–Dez., que fazia um ataque ao nosso Movimento, em precárias e injustas bases. Quando pegámos na revista, vimos na capa títulos de alguns artigos e julgámos que um deles seria o artigo em causa. Mas não. O sr. Severo de Melo intitulava o seu ataque de "ESCUTISMO – Educação Cívica a favor de quem? " E começa assim a sua curiosa argumentação:

– Desde menino que me habituei a encarar o Escutismo como uma réplica ideológica da Mocidade Portuguesa".

Nem mais, nem menos. O sr. Severo de Melo anda enganado desde menino e se, então, um juízo infantil era perdoável, agora, que deve ser pessoa adulta, tal juízo é inadmissível. Então quando é que a réplica surge vinte e tal anos antes da sua causa?

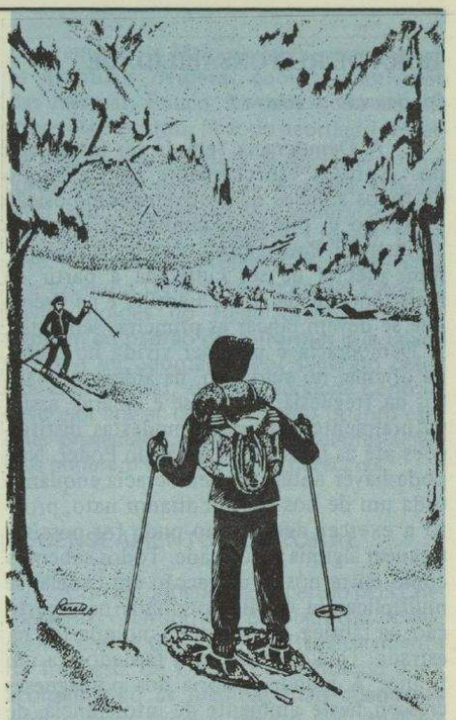
O sr. Severo de Melo só deve conhecer o "Escutismo" lá da terra ou lá do sítio, já que acrescenta com a mesma insensatez:

– Eram as mesmas pessoas que dirigiam os dois tipos de actividade; ou, se não dirigiam as duas coisas ao mesmo tempo, davam-se muito bem todos uns com os outros e passeavam em amena cavaqueira na praça pública ou sorriam, auto-satisfeitos, no café; as fardas eram parecidas; estas coincidências sempre me pareceram que, longe de ocasionais, mostravam às claras que, pelo contrário, obedeciam a um mesmo plano de actuação junto da mocidade".

Verifica-se aqui traço de coisa de aldeia. A imagem que o sr. Severo de Melo tem do Escotismo não passa do pequeno burgo onde todos se conhecem e se encontram no café. Será necessário explicar ao articulista que o fardamento escoteiro é semelhante em todo o mundo, envergado por milhões de rapazes, e que todas as organizações da mocidade dos países totalitários copiaram o fardamento e os aspectos exteriores do Escotismo, por, ao contrário do que afirma, este exercer grande atracção nos rapazes?

Para esclarecer o sr. Severo de Melo bastar-nos-á repetir o que dissemos no nosso editorial de Setembro passado: "As organizações da juventude com objectivos políticos, criadas em diversos países totalitários, vieram buscar ao Escotismo muitos dos seus métodos de trabalho e exteriormente confundiam-se mesmo com o nosso Movimento. Muitos chegaram ingenuamente a afirmar que *aquilo* era Escotismo, erro grave porque se se utilizavam certas técnicas para atrair os rapazes, tinham em vista finalidades opostas. A educação totalitária procura apagar a personalidade do rapaz, transformá-lo em simples peça de uma engrenagem, enquanto o Escotismo, ao invés, visa desenvolver a personalidade, formar o carácter, dando a cada Escoteiro uma responsabilidade, uma missão a desempenhar(...)"

Mas o sr. Severo de Melo não gosta do tal "Escutismo", que desde menino via lá no sítio, e por isso aproveitou a actual liberdade para o atacar. Poderia tê-lo feito antes do 25 de Abril que ninguém o teria impedido e até caía bem. Resolveu escrever um artigo. Como não conhecia nada sobre a matéria, alcançou um exemplar do "Escutismo para Rapazes", desfolhou as primeiras páginas e fez descobertas peregrinas, sem ter sequer feito reparo que a obra tenha sido inicialmente destinada à juventude britânica.



O escoteiro mantém-se activo tanto no Verão como no Inverno.

"O ESCOTISMO INSTIGA À DELAÇÃO"

Como se sabe, o Capítulo nº. 1 do *Escutismo para Rapazes* fala sobre "A Arte do Explorador". Aqui encontrou o sr. Melo material para julgar o Escotismo com toda a severidade. Para ilustrar a vantagem do espírito de observação, B. P. refere a obra literária de Rudyard Kipling, sobre as aventuras de Kim, novela que desperta o interesse infantil e põe em relevo a arte que deu origem ao "Jogo do Quim", que se pratica no Escotismo e tem em vista apurar o sentido visual, auditivo e olfactivo do rapaz. Pois o sr. Melo transforma o tal Kim como apresentado *"à juventude como modelo acabado de excelsas virtudes"*. E acrescenta mais adiante: *"Nada mais nada menos que a delação pidesca, a informação traidora"*. O sr. Melo não percebeu a história do Kim e está afinal a lançar mão de uma vil delação, duma injustiça. Se o primeiro dever do Escoteiro é *auxiliar o próximo em todas as circunstâncias*, se a sua Lei o orienta para ser *cortês e leal*, como pode conduzir à delação?

Na página 9, o sr. Melo encontrou a história dos rapazes de Mafeking e nela viu logo RACISMO. A história de Mafeking insere-se na guerra sul-africana, de 1899-1900, durante a qual aquela pequena cidade foi cercada por tropas boeres. Foi

Continua na página 11

D S T Q Q S S
1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30 31

DE MÊS PARA MÊS

O ESCOTEIRO É CORTÊS

Num dos últimos números deste mensário, um dirigente escoteiro lamentava-se de lhe não ser dada resposta a cartas que insistentemente escrevia e citava outro seu companheiro que se queixava do mesmo mal.

Embora reconhecendo que estes amigos têm toda a razão, temos de ser compreensivos. As pessoas andam demasiadamente preocupadas e escasseia-lhes o tempo para escrever. Como não têm grandes imperativos éticos, não reparam que deixar de responder a uma carta é uma incorrecção.

Devemos desculpar os faltosos que não prometeram cumprir a nossa Lei, pois temos a certeza que essas coisas não acontecem entre Escoteiros, porque *o escoteiro é cortês e leal...*

SEMPRE PRONTO – Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador – EDUARDO RIBEIRO
Director - Adjunto – JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 5$00 — Assinatura anual: 60$00